

Saliva contém poderoso cicatrizante natural

RODRIGO CRAVEIRO
DA EQUIPE DO CORREIO

Animaís feridos têm o hábito de lamber o próprio machucado com frequência. Se para muitos donos de cães esse gesto parece repugnante, a ciência o entende quase como um instinto de sobrevivência. Por meio da observação da natureza e após constatarem que ferimentos na boca se fecham mais rapidamente, pesquisadores decidiram estudar a saliva e concluíram que o líquido — composto 98% de água — é fonte de um poderoso cicatrizante natural: a histatina.

Líder do estudo publicado anteontem na revista científica da Federação das Sociedades Norte-Americanas de Biologia Experimental (Faseb, pela sigla em inglês) e professor da Free University of Amsterdam, o holandês Menno J. Oudhoff afirmou ao **Correio** que a identificação da substância “é um pequeno primeiro passo” para sua aplicação clínica na aceleração da cura de ferimentos. “A vantagem das histatinas é que elas podem ser produzidas por meio de métodos químicos, o que apressará os estudos em animais”, explicou. A

The Fun Times Guide to Dogs/Arquivo



CIÊNCIA EXPLICA POR QUE ANIMAIS TÊM HÁBITO DE LAMBER MACHUCADO

cada minuto, uma pessoa secreta 0,5ml de saliva; essa porção do líquido contém cerca de 4 milhões de células humanas e 250 milhões de bactérias.

A alta concentração bacteriana parece não impedir a regeneração dos tecidos danificados. Oudhoff e sua equipe chegaram a essa conclusão após cultivarem células epiteliais da boca em dois pratos plásticos. Eles preencheram os discos até a borda e usaram uma pequena vareta para fabricar uma ferida na camada

celular. “Em um dos pratos, banhamos as células com um fluido isotônico, em outro elas foram imersas em saliva humana”, contou o holandês. “Dezesseis horas depois, notamos que a saliva tratou a ferida, já praticamente fechada, enquanto que no prato com fluido grande parte do ‘machucado artificial’ estava exposto”, acrescentou.

Identificação

Um dos obstáculos da pesquisa foi identificar qual dos inúmeros

componentes da saliva era o responsável pela cicatrização. Por meio de técnicas especiais, Oudhoff conseguiu separar cada um dos ingredientes do fluido corporal. “Testamos individualmente essas substâncias em nosso ‘modelo de ferida’ e identificamos o fator-chave, a histatina”, explicou o especialista. Apesar do sucesso da técnica, o cientista lembra que a cicatrização é um processo extremamente complexo, que exige o trabalho simultâneo e coordenado de um grande número de células diferentes e moléculas. Além disso, há muitos tipos de ferimentos. “As queimaduras são diferentes de feridas crônicas, como úlceras nos pés de diabéticos, e cada uma exige tratamentos específicos”, alertou.

Oudhoff admite que ele e sua equipe têm de percorrer um longo caminho do laboratório ao uso clínico. “As histatinas precisam provar seu valor em ‘modelos do mundo real’, como em estudos com cobaias animais”, disse. Em novembro de 2006, cientistas franceses do Instituto Pasteur isolaram na saliva a opiorfina, um composto até quatro vezes mais potente que a morfina. É a ciência voltando os olhos para o próprio homem em busca da cura.